



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Valdir dos Santos, Ademir

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO AMBIENTE DE RELAÇÕES ÉTNICAS: O CASO DAS "ESCOLAS
ALEMÃS" NO SUL DO BRASIL

EccoS Revista Científica, vol. 11, núm. 2, julio-diciembre, 2009, pp. 467-486

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71512786009>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO AMBIENTE DE RELAÇÕES ÉTNICAS: O CASO DAS “ESCOLAS ALEMÃS” NO SUL DO BRASIL

Ademir Valdir dos Santos

Doutor em Educação pela
UFSCar; Docente e pesquisador
do Programa de Pós-graduação
em Educação da Universidade
Tuiuti do Paraná (UTP).
ademir.santos@utp.br;
adeati@yahoo.com.br
Curitiba – PR [Brasil]

O artigo apresenta pesquisa sobre a organização escolar de escolas primárias na colônia catarinense Hansa, fundada em 1897. Foi baseado na análise de documentos da Companhia Colonizadora Hambúrguesa. Os resultados mostram peculiaridades como o ensino em alemão e o currículo focado no Cálculo e na aprendizagem da língua e cultura alemãs nas disciplinas de Leitura, Escrita, Poesia, Canto, Religião e Latim. Porém, havia matérias como Português e História que abordavam questões brasileiras. Nos início, mantiveram-se aspectos pedagógicos que as caracterizam como expressões do fenômeno das escolas étnicas: as escolas alemãs. Atenderam a necessidade de escola, embasadas por práticas educativas de cunho étnico que mesclaram aspectos culturais estrangeiros àqueles brasileiros. O uso da língua alemã constituiu um indicador étnico essencial. A compreensão dessas instituições escolares na história da educação brasileira é parametrizada pelas vinculações entre currículo e cultura, considerando a questão étnica como aspecto central das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Organização escolar; Currículo; Escola alemã; Etnia.

EcoS – Rev. Cient., São Paulo, v. 11, n. 2, p. 467-486, jul./dez. 2009.

1 Introdução

Diversos autores dedicaram seus estudos à formação da sociedade brasileira, apresentando a atividade das instituições e as perspectivas étnicas ou raciais como constituintes de relações e práticas sociais: Oliveira Vianna (1933; 1938), Gilberto Freyre (1933), Edgar Roquette-Pinto (1933), Emílio Willems (1946), Charles Wagley (1951), Vianna Moog (1955), Wilson Martins (1955), Manuel Diégues Júnior (1960), Egon Schaden (1963), Octavio Ianni (1972), Giralda Seyferth (1990; 1999; 2003), Lúcio Kreutz (1994; 1999), entre outros.

O referencial teórico citado permite que se delineie o tratamento da questão étnico-racial como um elemento essencial das relações em sociedade e, ao lado disto, que se considerem as instituições escolares ambientes privilegiados para investigação dos processos educativos como expressão histórica de consensos e conflitos culturais. Considerando tais premissas e suas implicações teórico-metodológicas, as utilizo como base nas investigações sobre instituições escolares criadas no sul na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, associadas à imigração europeia para o Brasil. Ou seja, o elemento étnico permite distinguir essas escolas na história da educação brasileira.

Neste artigo apresento resultados de pesquisa sobre “escolas alemãs” que foram instaladas numa colônia de imigrantes alemães fundada em Santa Catarina no ano de 1897 pela Companhia Colonizadora Hanseática (*Hanseatischen Kolonisations-Gessellschaft*). O objetivo é analisar a fundação e o posterior funcionamento daquelas escolas conforme indicadores étnicos. A investigação é baseada em pesquisa documental com o uso de fontes primárias contendo dados sobre a atividade das escolas na colônia catarinense e que constam nos relatórios de diretores daquele empreendimento de colonização, localizados no Arquivo Estadual de Hamburgo (*Staatsarchiv Hamburg*).

E
C
C
O
S
-
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

2 A conformação da questão étnica

Embasada numa perspectiva antropológica, em “Imigração e cultura no Brasil” (1990) Seyferth destaca as relações entre a imigração alemã e a etnia, evidenciando a permanência entre os imigrantes de relações sociais étnicas relacionadas à cultura e organização social de origem, dentre as quais a preservação da língua materna é essencial a sua identidade. Outro aspecto destacado é a ação das diversas instituições comunitárias na preservação e divulgação dos valores étnicos, contexto no qual sobressai a atividade das escolas. Do mesmo modo, em “A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira” (2003), Giralda Seyferth relaciona aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais da colonização alemã no Sul à etnia, evidenciando que desde a chegada das várias levas de imigrantes alemães durante o século XIX até os anos da campanha de nacionalização no Estado Novo, diversos conflitos foram matizados por perspectivas étnicas. A escola alemã é posicionada como instituição social essencial à manutenção das características étnicas, especialmente por preservar o idioma estrangeiro.

A questão étnica também é tida como fundante no trabalho de Kreutz:

Os processos culturais são conflitivos e, em cada etnia, há uma história de luta pela determinação de suas metas e valores [...] . Isso significa que a etnia, ou seja, o pertencimento étnico em processo, concorre na constituição de sujeitos e de grupos. É um elemento constituinte das práticas sociais e, ao mesmo tempo, as práticas sociais vão constituindo a reconfiguração étnica. [...] ...tanto o gênero quanto o étnico perpassam os símbolos de uma sociedade, suas normas, sua educação, sua organização social. Isso significa que a educação é etnicizada, “atravessada” pela etnia. O étnico é elemento de diferenciação social, influí na percepção e na organização da vida social. (Kreutz, 1999, p. 80).

Assim, é possível ratificar uma estreita relação entre etnia, cultura e identidade. Conforme Seyferth, as relações entre os imigrantes alemães e a população brasileira resultaram nas expressões sociais, políticas e culturais de germanidade (*Deutschtum*) e no germanismo teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianertum*), manifestações de etnicidade configuradas de modo conflituoso durante o processo histórico. E segundo Kreutz, a multiplicidade de culturas em processo relacional estabelece o étnico como elemento constitutivo da dinâmica social em torno de um eixo que é a dimensão cultural, sendo a identidade étnico-cultural "fonte de sentido e de construção do real, mesmo se marginalizada" (1999, p. 80).

Embasado pelos referenciais citados, mas acrescentando parâmetros teóricos e metodológicos relacionados as minhas próprias investigações nesse campo, construí um conjunto de indicadores étnicos. De acordo com esta perspectiva, abordar os aspectos da etnia significa: a) atentar para uma perspectiva das relações entre os sujeitos e grupos sociais considerando sua língua, seus costumes e tradições, sua religião, suas instituições sociais; b) conjugar, de forma simultânea, os múltiplos dados relacionais das práticas sociais a sentimentos de pertencimento a um mesmo povo ou nação em que há ligações definidas pela consanguinidade, pelo convívio em um mesmo lugar geográfico e por um processo histórico constitutivo de relações nos planos econômico, social e político; c) partilhar elementos simbólicos e de base material que expressam significados nos processos relacionais compartilhados no âmbito da cultura; d) analisar o engendramento da produção e reprodução cultural considerando a dinâmica mesma de sua operação, levando em conta as interferências, condicionamentos e participações dos sujeitos e grupos sociais.

Considerados tais pressupostos teóricos e metodológicos, descrevo e analiso processos de criação e atividade de "escolas alemãs" no contexto da colonização europeia em Santa Catarina.

3 As “escolas alemãs” no Sul: o caso da Colônia Hansa

Em 1897 a Companhia Colonizadora Hanseática (*Hanseatischen Kolonisations-Gessellschaft*) negociou a concessão de terras situadas no norte e nordeste de Santa Catarina. Delimitou-se a Colônia Hansa (*Kolonie Hansa*), constituída por quatro regiões distintas: Itajaí Hercílio (ou *Itajahy Hercílio*, que incluía *Hammonia* e *Neu-Bremen*), Itapocu (incluindo o distrito *Humboldt*), Sertão de São Bento e Piraí (*Pirahy*) (*Die Kolonie Hansa...*, 1911, p. 3-4). Os seus 650 000 hectares compreendiam terras que agora pertencem ao território dos municípios catarinenses de Itajaí, Blumenau, Ibirama, Jaraguá do Sul, Corupá, São Bento do Sul e Joinville. Hansa se destinou preponderantemente a colonos alemães: nos primeiros cinco anos chegaram 2 085 imigrantes (*PROSPEKT*, 1902). Foi uma experiência colonizadora que se enquadra em moldes ratificados: “No início o processo de colonização foi patrocinado pelo Estado e só mais tarde entraram em cena as empresas particulares” (SEYFERTH, 2003, p. 24).

Cabe lembrar que, do ponto de vista das elites brasileiras, quer no Império como nas primeiras décadas da República, perspectivas de cunho étnico, e por que não dizer racial, orientaram os projetos colonizadores, sendo arroladas para justificar a escolha do imigrante alemão como elemento humano “ideal” para a ocupação do território brasileiro, uma vez que reunia características de base biológica desejadas – era europeu, branco ou de raça branca –, e mostrava atributos morais como a obediência e o amor ao trabalho (Cf. Moog, 1961; Ianni, 1972; Roquette-Pinto, 1978; Seyferth, 2003). A questão racial estava em voga no século XIX, vinculada às discussões sobre a escravidão e a imigração. Há diversos estudos desta natureza, entre os quais aqueles de Oliveira Vianna discutem as perspectivas de base biológica, predominantes à época. Em Raça e Assimilação, por exemplo, são abordados os chamados “problemas” da raça e da assimilação:

Não é possível, pois, sustentar nestes lados do Atlântico, onde as desigualdades étnicas se revestem de um relevo tão nítido, que os problemas de diferenciação das raças sejam problemas sem interesse. O facto de terem affluido para aqui étnias vindas de todos os continentes torna a América, ao contrário, o centro por excellencia dos estudos da Raça, quer no ponto de vista da anthropologia physica, quer no ponto de vista da anthropologia social. (OLIVEIRA VIANNA, 1938, p. 19).

Com argumentação no mesmo sentido, em *Evolução do Povo Brasileiro*, Oliveira Vianna defende tendências que designa de "sociaes, étnicas e políticas" (1933, p. 1), reafirmando que "O desbravamento e a colonização de Santa Catharina e Paraná são também obra do colono estrangeiro, especialmente o alemão e o italiano." (Ibid., p. 110).

No movimento de colonização, a escola pode ser entendida como instituição necessária ao progresso do empreendimento comercial. Mas, ao mesmo tempo, também vinha atender a necessidade de escola para os filhos dos imigrantes alemães, que tinha raízes culturais no continente europeu e que foi transplantada. De fato, um aspecto que chama a atenção foi a preocupação prioritária com a fundação de escolas nas diversas regiões de colonização alemã (Cf. Müller, 1994; Seyferth, 1990).

Verifico nos diversos relatórios enviados pela direção local da Colônia Hansa que em 1904, ou seja, num período de seis anos seguintes à fundação, já estavam ativas quatro escolas em Humboldt: na "cidade" (*Stadtplatz*), na estrada Isabel (*Isabella-Strasse*), na estrada Paulo (*Paul-Strasse*) e na estrada Bonpland e Humboldt (*Bonpland und Humboldt Strasse*). No distrito Itajaí-Hercílio funcionavam cinco escolas: Hammonia, Sellin, Rafael, Neu-Bremen e Neu-Zurich. Havia uma em São Bento e outra em Piraí (*Bericht der Kolonie-Direktion Hammonia...*, 1905, p. 13).

E
C
C
O
S
-
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

As iniciativas de criação de escolas pelos próprios colonos evidenciaram a ausência de instituições escolares públicas para o ensino elementar no contexto do Império e da República Velha (Cf. Nagle, 1974; Schneider, 1983; Werebe, 1995; Willem, 1980). Concordo com Seyferth (2003, p. 28-9) quando propõe, como impulsos para a criação de escolas e outras instituições de fundo étnico, fatores relacionados à ausência de condições estatais à época, seja para a oferta de uma infraestrutura nas regiões de implantação de imigrantes, seja no sentido da disponibilização de um sistema escolar que pudesse atender a população brasileira: “Além disso, por omissão do Estado, que tinha um amplo projeto de colonização com imigrantes mas não os recursos para executá-lo com eficácia, a organização das comunidades ficou a cargo dos próprios colonos. Foi assim que surgiram as escolas alemãs e suas entidades de apoio”.

Os documentos analisados permitem afirmar que a criação de escolas na colônia Hansa atendeu aos pressupostos teóricos expostos. Algumas das escolas foram fundadas por associações ou sociedades escolares particulares (*Schulverein ou Schulgemeinde*), que tinham como membros as famílias locais, outras estavam vinculadas à igreja evangélica luterana. Mas os relatórios mostram que também essas escolas comunitárias receberam apoio financeiro da Companhia Colonizadora Hanseática. Os balanços de gastos e investimentos nas colônias apresentam subvenções para as escolas (*Subvention fur Schulen*), como consta no relatório anual de 1901 onde se registraram os gastos de 440 mil réis nesta rubrica (*JAHRESBERICHT...*, [s.d] , p. 5). A subvenção financeira certamente foi fundamental, na medida em que as escolas comunitárias eram mantidas com as mensalidades pagas pelos membros da associação escolar comunal que as fundava, o que em muitos casos exigia um sacrifício financeiro dos colonos. (Cf. Willem, 1980, p. 282-3).

A escola era uma instituição necessária à vida comunitária porque a população infantil crescia com o passar dos anos, uma vez que o aumento do número de crianças significava incremento no potencial de trabalho familiar nas

propriedades rurais. A esse dado se pode associar a questão da religião luterana, pois em algumas áreas o percentual de imigrantes protestantes era maior do que o de católicos. E para os luteranos, havia a necessidade de ensinar desde cedo a leitura e a escrita para as crianças, pois elas precisavam sozinhas conhecer o conteúdo da Bíblia e participar dos ritos comunitários. No relatório de 1904, por exemplo, se verifica que no distrito de Itajaí-Hercílio, as cinco escolas então existentes eram frequentadas por um total de 86 crianças, sendo 68 evangélicas e 18 católicas (*BERICHT DER KOLONIE-DIREKTION HAMMONIA...*, 1905, p. 10). Uma íntima associação entre a escola (educação) e a igreja (religião) foi um dado característico em algumas comunidades.

4 As instituições escolares e a etnicidade: o que revelavam as salas de aula

Trato agora dos relatos das práticas educativas nas escolas alemãs da Colônia Hansa, com base na minuciosa descrição de alguns relatórios de direção da Companhia Colonizadora, em alguns casos assinadas pelos professores. Documentos abordam aspectos didático-pedagógicos referentes à organização dos tempos e espaços escolares, às questões curriculares e atividades docentes e discentes.

Prédios próprios para abrigar as escolas foram sendo gradativamente construídos com a conjugação dos esforços da própria comunidade e da Companhia Colonizadora Hanseática. Mas inicialmente registra-se o processo de ocupação provisória de espaços domésticos para depois transferir as aulas para a sede edificada e destinada à escola, o que dependia de subvenção financeira. Por exemplo, na estrada Paulo a sociedade escolar foi fundada em 1903 e as aulas foram ministradas em casas particulares até setembro de 1904, quando foi inaugurado o prédio escolar; as aulas da escola da estrada Isabel aconteciam numa choupana, embora houvessem sido destinados quatrocentos

E
C
C
O
S
-
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

mil-réis para uma construção que em 1904 ainda não estava pronta, porque o dinheiro era insuficiente (*Bericht der Kolonie-Direktion Hammonia...*, 1905, p. 21-2). Este processo coincide com os dados trazidos por outras pesquisas: “... o primeiro passo foi, provavelmente, uma espécie de “escola doméstica” em que a família mais interessada na instrução de seus filhos reunia estes e, talvez, mais algumas crianças da vizinhança próxima para a aula dada na própria moradia” (Willem, 1980, p. 280).

Geralmente as aulas eram num único espaço e havia 1 ou 2 classes, por sua vez divididas em até 4 seções. Quanto ao número de alunos e professores, o relatório anual da região de Itajaí-Hercílio apresenta, para suas cinco escolas, um total de 86 estudantes atendidos por 6 professores (*Jahresbericht 1904...*, 1905, p. 16). Já a escola de Hammonia, que começou a funcionar em 1902, contava com duas classes e, por isso, era atendida por dois professores. Sua associação escolar também era a maior do distrito a que pertencia, sendo que o número de membros da sociedade escolar era de 25. Em 1904, a escola da Estrada Isabel era frequentada por 16 alunos; na estrada Paulo, eram 12 e na estrada Bonpland e Humboldt estavam sendo atendidas 18 crianças (*AUSZUG...*, 1905, p. 21-2).

No extrato de relatório sobre a atividade escolar no distrito de Itapocu – *Auszug aus den Schulberichten im Bezirk Itapocú pro 1904* o texto possibilita conhecer como se organizava a semana letiva. (*AUSZUG...*, 1905). Traz uma tabela referente à escola da área central de Humboldt (*Stadplatz Humboldt*), que iniciou em 1899 e atendia 25 crianças, aos cuidados do professor Paul Behrens. As aulas aconteciam de segunda a sábado, no horário entre 8 e 12 horas, para duas classes. São detalhados os conteúdos que eram tratados, o que numa linguagem atual corresponderia às disciplinas: Religião, Cálculo, Leitura, Ditado, Escrita, Redação, História Mundial, Português, História Natural, Canto, Trabalho Manual e Geografia. A Escrita (em alemão) era focalizada quatro vezes. Os Ditados e o Canto, que podem ser vistos como estratégias didáticas vinculadas a aprendizagem da língua alemã, aconteciam

duas vezes por semana. Desse modo, as escolas contribuíam na formação de uma identidade própria dos grupos de imigrantes, por meio de uma função estratégica: "Papel preponderante foi desempenhado pela escola, já que o ensino primário entre as primeiras gerações de imigrantes foi ministrado (é claro que com exceções) em escolas particulares, comunitárias ou não, na língua de origem" (Seyferth, 1990, p. 82). Nesse sentido, a escola dos imigrantes cumpria com uma função étnica por meio da socialização das crianças em sua língua nacional, o que evidenciava o seu pertencimento a um grupo étnico: "Essas instituições formais serviam como veiculadoras e perpetuadoras da etnicidade desses grupos" (*Ibid.*, p. 82).

O professor Moritz Haselhorst, da escola Estrada Isabel explicou que o ensino era em língua alemã e esta era o principal objeto da aprendizagem da leitura e da escrita. Afirmou ainda que utilizava "leituras leves" para o Ditado. Um livro de leitura e a escrita de cartas eram recursos didáticos usados na fixação dos conteúdos linguísticos, bem como uma Gramática. Todas as manhãs havia prática de leitura: primeiro, era o professor quem lia e, depois, exigia a leitura de uma a uma das crianças que, no final, liam em coro. (*AUSZUG...*, 1905, p. 21). Na segunda seção o professor lia trechos facilmente compreensíveis, também explorados nos ditados. Depois, escrevia perguntas na lousa maior (equivalente ao quadro-negro) e os alunos anotavam nas lousas individuais (de mão). Nesse estágio a maioria das crianças já escrevia com o lápis de lousa e com tinta. As lousas individuais, chamadas de *tafel*, eram pequenas tábua, geralmente feitas de ardósia, sobre a superfície das quais se escrevia com uma espécie de lápis, giz ou carvão. Era exigida uma escrita bonita, ou seja, se faziam exercícios de caligrafia. Na terceira seção tinham a ajuda de uma cartilha e deviam praticar a leitura, a escrita e o cálculo. Nas horas de Canto se entoavam canções populares alemãs.

Noutra descrição, o professor Richard Schulze, da escola estrada Paulo, afirma que exigia a escrita em latim ao lado daquela em alemão. Primeiro as crianças deviam copiar nas lousas individuais e depois passavam a escrever

E
C
C
O
S
-
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

sobre papel. E na primeira e segunda seções os alunos treinavam a leitura com o auxílio de um livro específico (Ibid., p. 22).

No relatório da direção de Hammonia, de 1904, afirma-se que a Leitura era essencial nas quatro seções. Estudava-se a língua alemã, mas na segunda e terceira seções também se aprendia o latim. Treinos de leitura eram feitos com o uso de cartilhas e textos de cartas. Os alunos deviam ler em voz alta, o que era bastante cobrado (*JAHRESBERICHT 1904...*, 1905, p. 18). Há referências à silabação como recurso metodológico associado à aprendizagem pretendida. Mas não bastava apenas escrever de modo correto: era preciso apresentar uma bela grafia (*schönschreinben*)! A caligrafia era uma exigência fundamental desde a primeira seção. (Ibid., p. 19).

Mesmo havendo a Leitura e a Escrita, existia a disciplina de Ensino da Língua alemã (*Sprachlehre*) para todos os alunos das quatro seções. Nessa lição, no primeiro ano o professor devia seguir as instruções da cartilha. Na segunda seção, se explicava o singular e o plural dos termos, exigindo cópias e leitura. Já os alunos da terceira seção aprendiam a diferenciar o gênero, a divisão silábica, a entonação na leitura (sílabas fortes e fracas) e a conjugação verbal. Havia exercícios linguísticos diversos. Foram citadas algumas leituras infantis que tinham títulos como Cão e Gato, O Sapo, O Preguiçoso e O Semeador, por exemplo. Nesse sentido, percebo que a natureza dos textos das cartilhas ou livros de leitura era a mesma da literatura infantil escolar da época, cujo conteúdo não apenas buscava fixar a escrita dos termos, mas tinha certo teor moralizador (Ibid., p. 19).

No último ano estudavam-se os princípios de gramática e sintaxe da língua alemã, com as conjugações verbais considerando os tempos e as pessoas. Também se utilizava a poesia como recurso didático. As leituras eram mais complexas e estabeleciam relações com conhecimentos gerais, como se percebe no título O Leão de Florença. O canto era praticado nas três seções superiores, compreendendo tanto canções populares como da liturgia religiosa. Cantar ajudava na aprendizagem idiomática, mas também servia para

incluir valores culturais e preservar a identidade étnica embasada no domínio da língua alemã. Alguns títulos das canções assim sugerem: Eu tenho um camarada (*Ich hat einen kameraden*), Quem estará entre os soldados (*Wer will unter die Soldaten*) e Então tome minhas mãos (*So nimm denn meine hände*, um canto natalino litúrgico) (Ibid. p. 19).

Os relatos sobre a utilização da língua alemã naquelas salas de aula ratificam a sua centralidade como elemento de comunicação entre os sujeitos e como objeto de aprendizagem, sublinhando o fator linguístico das relações sociais como o principal responsável pela caracterização da escola como um dos núcleos sociais de produção de relações étnicas. Ao destacar o tema da etnicidade em relação à língua, Appel e Muysken (1996) discutem diferentes estudos com tal foco, entre os quais se resgata o aspecto étnico como associado à língua e identidade grupal; a língua é tida como sustentáculo de toda uma variedade de relações sociais de base étnico-cultural:

E
C
C
O
S
—
R
E
V
I
S
T
A

C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

A importância da língua se vê amplificada pelo fato de que se emprega para sustentar outras experiências étnicas. Fala-se de todo tipo de temas e atividades culturais ou étnicas, e, portanto, a língua tem relação com elas. Cria-se uma espécie de laço associativo. Elementos culturais relevantes, tipos de trajes, aspectos de rituais das bodas, etc., encontram expressão na língua, e as vezes inclusive se crê que não poderiam ser expressos em uma língua distinta. (Ibid., p. 26). (tradução minha).

Análises desta natureza confirmam minhas assertivas quanto à língua como indicador étnico: ela permeava as práticas educativas e lembrava do pertencimento a uma mesma herança histórica, sendo vital no compartilhamento dos elementos da cultura estrangeira em suas bases materiais e simbólicas. Sob tal ponto de vista, a escola alemã servia concomitantemente às dinâmicas de produção e reprodução cultural que estavam associadas à construção dos

processos identitários nas relações entre os grupos alienígenas e a sociedade brasileira, o que me leva a concordar com as afirmativas de Kreutz (1999).

Os aspectos conflituosos associados às relações sociais que a imigração gerou encontraram lugar na organização escolar primordial das escolas alemãs. Para alicerçar tal argumento, trago um dado étnico fundado na questão linguística para o debate: a presença apenas de conteúdos de base cultural estrangeira no currículo, posta em cheque pelo fato de existir uma preocupação com o domínio da língua portuguesa entre os imigrantes.

Ressalto, inicialmente, a existência de uma matéria destinada ao ensino da Língua Portuguesa (*Portugiesisch*), que aparece em dois horários durante a semana no plano de estudos da escola do *Stadplatz Humboldt*. Tal fato traz à tona a polêmica quanto a não utilização ou mesmo desprezo de nosso idioma nas escolas alemãs, apontado em diversos estudos como característica deste tipo de instituição. Aspecto esse que seria posteriormente atacado pelas políticas educacionais de fundo nacionalista ao longo das primeiras décadas do século XX, sobretudo no Estado Novo (Cf. Pandolfi, 1999). Se as aulas eram ministradas na língua alemã, determinando esse dado típico das *deutsche schulen*, o arranjo de disciplinas dessa antiga escola de um núcleo colonial chama a atenção para o fato de que também existiram instituições onde a necessidade de conhecer a língua nacional foi levada em conta desde o princípio! Ou seja, nessas escolas os professores e os alunos falavam o alemão, idioma que também era objeto da aprendizagem da escrita e leitura. O ensino de Português poderia atender as necessidades da vida diária. Também no relatório docente sobre as atividades escolares em *Hammonia* se afirma que no último ano havia uma disciplina de Português (*Portugiesisch*), o que evidencia a preocupação com sua utilização cotidiana na formação infantil, pois as crianças estavam em meio à sociedade brasileira. É viável, portanto, argumentar que pode haver alguma generalização quando se afirma que nas escolas alemãs o currículo era centrado exclusivamente em conteúdos relacionados às culturas estrangeiras e desprezava dados referentes ao Brasil.

O estudo dessas escolas, instaladas nesta região de Santa Catarina no final do século XIX e meados do século seguinte, explicita a convivência de dados culturais de origem alemã (ou europeia) e brasileiros, num momento em que as pressões políticas e sociais dos nacionalismos e mesmo da campanha nacionalista com foco na educação ainda não atuavam.

Percorrer a organização curricular das escolas alemãs da colônia Hansa implica a identificação de uma perspectiva étnica, mesmo quando se focalizam as outras matérias.

Os procedimentos docentes descritos num relatório de autoria do professor Moritz Haselhorst, da escola da estrada Isabel, contam que na primeira seção ele lia trechos sobre a Geografia da América do Sul e brasileira. Nas lições de Cálculo os alunos da primeira seção praticavam as quatro operações e contas com frações decimais, o que era exigido tanto por escrito como oralmente. Quanto à Geografia, o professor explicou que era uma disciplina a que ainda não se destinava atenção especial neste estágio da escolarização. Na segunda seção o cálculo utilizando as quatro operações continuava sendo treinado. Em Religião, o professor lia primeiro e depois todos repetiam em conjunto. Estudavam os Dez Mandamentos e outros trechos da Sagrada Escritura, que liam em coro e depois deviam anotar em um pequeno caderno. A história bíblica começava com a origem da vida (*AUSZUG...*, 1905, p. 21).

Já na descrição que o professor Richard Schulze, da estrada Paulo, fez para o relatório de sua escola não há detalhamento sobre o que era ensinado em cada uma das seções. Apresentou como matérias estudadas Religião, Escrita, Cálculo, Leitura, Canto e Geografia e a língua da terra brasileira (*brasilischen Landesprache*). Novamente, o relato da atividade docente chamou a atenção para a preocupação com a aprendizagem do português. No Cálculo se exigia toda espécie de contas. Segundo o mestre, as lições de Geografia eram dadas com dificuldade, pois não havia globo ou Atlas (*Ibid.*, p. 22).

E
C
C
O
S
-
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

Numa das escolas de Hammonia, o Cálculo era estudado em todas as seções, assim como as aulas de Religião. Curiosamente, na primeira seção o ensino religioso aparecia como uma disciplina de Orações ou Preces (*Gebet*), o que indica que rezar era também visto como exercício de aprimoramento linguístico. Os estudos de ciências eram feitos com a utilização do atlas zoológico Leutemanns. A História Natural (*Naturgeschichte*) era componente curricular apenas do terceiro e quarto anos, em que se estudavam os três reinos (animal, vegetal e mineral). Portanto, mesclavam-se conteúdos alienígenas aos tipicamente brasileiros. O professor dizia que se listavam os exemplares exclusivos da fauna e flora do Brasil, como as aves (*kolibri*, referindo-se ao beija-flor ou *jakutinga*, para o jacu) e outros animais (*mico*, para essa espécie de pequenos macacos). Ainda eram estudados animais domésticos como o cavalo e o cachorro. Espécimes vegetais importantes na vida rural, como o milho, também constavam das lições. A Ginástica (*Turnen*) estava entre as disciplinas apenas para a última seção. No relatório se explica que os alunos faziam exercícios ocasionalmente. Mas não há detalhamento sobre o tipo de atividade física. Outra disciplina particular citada é a História Nacional (*Heimatkunde*), no terceiro ano, abordando a própria localidade onde se situava a escola, o Vale do Itajaí (*Das Taldes Itajahy*) (BERICHT..., 1905, p. 19).

Isso mostra que, em diversos casos, as escolas alemãs focalizavam aspectos da realidade brasileira, ou seja, não eram desvalorizadas tais questões como apregoou o ideário nacionalista das primeiras décadas do século XX. Assim, na quarta seção havia a disciplina de História abordando a descoberta do Brasil e a constituição da própria colônia. O mesmo acontecia com a Geografia (*Erdkunde*) que abordava aspectos do Vale do Itajaí, do estado de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande, ao lado de conteúdos mais abrangentes como as diversas partes do mundo, os oceanos, as Américas do Sul e do Norte e a Europa (Ibid. p. 19).

Estou de acordo com Kreutz (1999, p. 80) quando reitera as ilações entre o processo escolar e a etnicidade:

A possibilidade fundante para o reconhecimento do étnico como um dos elementos constitutivos da dinâmica social é a percepção da multiplicidade de culturas que, estando em constante processo relacional ou instalando-se mais fortemente numa cultura específica, tem, na sua dimensão cultural, o eixo desencadeador de confrontos e interações que se refletem no respectivo processo educacional.

5 Considerações finais

Analisados os componentes das atividades didáticas e pedagógicas para as escolas alemãs situadas na colônia catarinense rural Hansa a partir de 1897, é possível perceber as especificidades dos conteúdos e das atividades escolares. Embora considerando que a formação e o modo de atuar de cada professor, ao colocar em ação suas habilidades e conhecimentos pessoais possa ter particularizado a natureza da ação educativa em cada instituição, compreendendo aquelas ações educativas como elementos da prática social cujas questões relacionais expõem seu conteúdo étnico.

A abertura de escolas próprias para o atendimento dos filhos de imigrantes alemães, com a edificação de prédios e o desenvolvimento de um currículo diferenciado, significou a inserção de novos elementos culturais formativos no sul do Brasil. Igualmente, serviu à constituição histórica de uma identidade étnica.

Implantadas em uma área de colonização catarinense ocupada por imigrantes alemães a partir de 1897, sob a tutela do empreendimento comercial alemão, nessas escolas foi historicamente elaborada uma atividade educativa cujas peculiaridades eram o ensino em língua estrangeira e uma proposta cur-

ricular centralizada na aprendizagem da língua e da cultura alemãs por meio das disciplinas de Leitura, Escrita, Poesia, Canto, Religião e até mesmo Latim. Porém, constata-se que havia outros elementos curriculares que abordavam aspectos nacionais, brasileiros, como o Português e a História Nacional. O Cálculo também era tido como uma matéria essencial na instrução elementar das crianças nessas instituições.

Consideradas as práticas educativas que aquelas escolas primárias rurais das zonas de imigração alemã catarinenses abrigaram, pode-se ratificar que, pelo menos em seus primeiros anos de funcionamento, essas instituições mantiveram aspectos didáticos e pedagógicos que as caracterizam como típicas expressões do fenômeno das escolas alemãs – *deutsche schulen* –, num momento histórico particular do desenvolvimento da educação brasileira. Nessas colônias de imigrantes, pela ausência de instituições públicas, as escolas alemãs atenderam a finalidade social específica de fornecer instrução primária, embasadas por um conjunto de práticas educativas que mesclaram aspectos culturais estrangeiros àqueles do contexto brasileiro de então.

As investigações no campo da história das instituições escolares que focalizam essas experiências históricas sediadas no Sul Brasileiro levam a des- cortinar um horizonte teórico e metodológico mediante o qual essas escolas configuraram um cenário de elaboração de práticas sociais cuja atividade histórica as evidencia como um núcleo gerador de relações étnicas.

SCHOOL AS A PLACE OF ETHNIC RELATIONS: THE CASE OF “GERMAN SCHOOLS” IN SOUTHERN BRAZIL

This article presents the research on school organization of elementary schools in a colony founded in 1897 in Santa Catarina. We analyzed documents of the Hamburg Colonization Company. Results shows particularities as German teaching and a curriculum focused on Calculus and learning of the German Language and cul-

ture through subjects as Reading, Writing, Poetry, Singing, Religion and Latin. In despite of this, there were subjects as Portuguese and History that treated Brazilian aspects. At the beginning that institutions kept pedagogical aspects that characterize them as typical expressions of ethnic schools phenomenon: German schools. They answer to school needing based on ethnic educative practices sharing foreign and Brazilian aspects. The use of German language constituted an essential ethnic indicator. The comprehension of these institutions in the Brazilian history of education is given by parameters between curriculum and culture, considering the ethnicity as a central aspect of the social relations.

KEY WORDS: School organization. Curriculum. German school. Ethnic.

Referências

E
C
C
O
S
—
R
E
V
I
S
T
A
C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editora Ariel, 1996.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; INEP, 1960.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Círculo do Livro S.A. [s.d.]. Copyright 1933.
- IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- KREUTZ, LÚCIO. Identidade étnica e processo escolar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 79-96, jul.1999.
- _____. A escola teuto-brasileira católica e a nacionalização do ensino. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994. p. 27-64.
- MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

- MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. 2.ed. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Ed. Globo, 1961.
- MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira República*. São Paulo; EPU/EDUSP, 1974.
- PANDOLFI, Dulce (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Ensaios de antropologia brasileira*. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1978.
- SCHADEN, Egon. Aspectos Histórico e Sociológicos da Escola Rural Teuto-Brasileira. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, I, 1963, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1963. p. 65-77.
- SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. *Povoamento-Imigração-Colonização: A fundação de Blumenau (no Vale do Rio Itajaí) e de Joinville (nos fundos do Termo (Município) de Nossa Senhora da(s) Graça(s) de São Francisco Xavier (ou de Assis) do Sul)*. Joinville: Alvorada, 1983.
- SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (Org.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003. p. 21-61.
- _____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1990.
- VIANNA, Oliveira. Raça e assimilação. 3.ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1938.
- _____. Evolução do povo brasileiro. 2.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933.
- WAGLEY, Charles. *Races et classes dans le Brésil rural*. Paris: UNESCO, 1951.
- WEREBE, M.J.G. A educação. In: HOLANDA, S.B. *História geral da civilização brasileira*. 5.ed. t. 2, v.4 1995, p. 366-383.
- WILLEMS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1980.

Fontes documentais

AUSZUG aus den Schulberichten im Bezirk Itapocú pro 1904. Hammonia, 1905.

BERICHT der Kolonie-Direktion Hammonia über das Jahr 1904. Hammonia, 1905.

DIE KOLONIE “HANSA” – Bericht der koloniedirektors J. Deeke in Hammonia. Hammonia, 1911.

JAHRESBERICHT für die fünfte ordentliche General-Derfammlung der Hanseatischen Kolonisations-Gesellschaft m.b.H. das Jahr 1901 betreffend. Hamburg, [s.d.]

PROSPEKT. Hamburg, 1902.

JAHRESBERICHT 1904 über die 5 Hansaschulen des Bezirks Hercilio, erstattet von Schulinspektor Dr. Aldinger. Hammonia, 1905.

E
C
C
O
S

–

R
E
V
I
S
T
A

C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

Recebido em 15 dez. 2008 / aprovado em 13 abr. 2009.

Para referenciar este texto

SANTOS, A. V. dos. A Instituição Escolar como Ambiente de Relações Étnicas: o Caso das “Escolas Alemãs” no Sul do Brasil. *EccoS*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 467-486, jul./dez. 2009.